A. J. ANSELMO

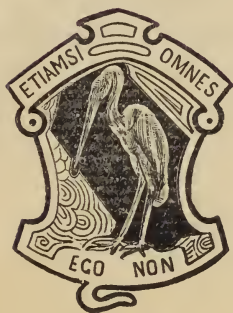
Veiros

ELVAS

EDITOR=ANTONIO JOSÉ TORRES DE CARVALHO

1907

A. J. ANSELMO

Veiros

ELVAS

EDITOR—ANTONIO JOSÉ TORRES DE CARVALHO

1907

Tiragem

112 exemplares, sendo 12 em papel especial,
numerados, com o
nome do possuidor e assignados pelo editor.

ELVAS
Typographia e Stereotypia Progresso
DE ANTONIO JOSÉ TORRES DE CARVALHO
Rua de Manoel Gomes Estella, 2-B
1907

alto Alemtejo tem por limite sul a serie de pequenas elevações, densamente arborisadas, que, de Souzel a Villa Viçosa, se prolongam como primeiro antemural da serra d'Ossa, pelo lado do norte.

D'aqui começa uma extensa região quasi uniformemente plana que, na direcção norte, se desdobra, por cincoenta kilometros, em successivas ondulações, até aos primeiros degraus da cordilheira de Portalegre. Limitam-na pelo nascente as cumeadas quasi imperceptiveis que separam entre si as bacias hydrographicas do Tejo e do Guadiana; para oeste vae ella, descendo em suave declive, vasar as aguas, que a percorrem, no mais consideravel dos afluentes da margem esquerda do Tejo — o Sorraia.

E' n'um dos pontos salientes d'esta planura que está situada a pequena villa de Veiros, distante d'Estremoz, séde do concelho a que pertence, 15 kilometros na orientação NNE, e com uma população approximada de 1:300 habitantes, quasi exclusivamente

empregados na cultura cerealifera, e em continuo augmento, como se verifica pela construcção incessante de novas edificações.

E' Veiros povoação muito antiga, conquistada aos mouros, segundo a tradição, pelo Mestre da Cavallaria d'Aviz D. Fernão d'Annes, no mesmo anno de 1217 em que a cidadella d'Alcacer cahiu definitivamente em poder dos portuguezes. Presumivel é, ou mesmo quasi certo, que a villa ficasse desde a conquista sob a jurisdição da referida Ordem, pois foram os cavalleiros d'Aviz os fundadores da torre do seu castello, na era de Christo de 1308, como se vê pela seguinte inscripção em caracteres gothicos que ainda n'elle se conserva:

E:M:CCC:XXXX:VI:AÑOS:XX:DIAS:DE
MAIO:COMEÇAROM:ESTA:TORE:EMANDOUA
:FAZER:DON:LOURENÇO:AFONSO:MEESTREDA
:CAVALARIA:DAORDEM:DAVIS:EPOS:APRIMEI
RA:PEDRA:ADO:FONDAMENTO· (letras sumidas)
REINAVA·ELREI:DO:DENIS:ERAINHA:DONA:
HELISABHET:SIT:NOME:DÑI:BENEDICTŪ:AMEN

D'este castello, situado a poente e na parte mais elevada da povoação, sómente resta o muro do recinto com suas portas ladeadas de torreões. As ameias ou setteiras desappareceram, e bem assim as antigas edificações interiores, entre as quaes avultava a refe-

rida torre da menagem ou *castellejo* que, segundo varios testemunhos era fortissima.

A egreja parochial, da invocação do *Reì Salvador*, ampla mas de architectura incaracteristica, tem tres naves e está situada no angulo septentrional do castello. Pertencia ao padroado da Ordem d'Aviz.

E' edificação certamente muito antiga, contemporanea dos fins do seculo XIII ou principios do XIV, mas posteriormente reconstruída e porventura ampliada, como o indica o aspecto geral da sua construcção e a data de 1595 gravada em marmore no fecho do arco da capella-mór. Tem varias lapides sepulchraes, a maior parte dos seculos XVII e XVIII, algumas de cavalleiros de Ordens militares, e, entre as mais antigas, duas com inscripções gothicas, relativas aos fins do seculo XIII e meiados do XIV.

A primeira, junto ao altar do Senhor Jesus, refere-se a um certo Pedro Annes Chaveiro fallecido no anno de 1334; ou 1296 de Christo, se, como é mais provavel, a era da inscripção fôr a de Cesar. Diz a lapide:

E : M̃ : CCC : XXX : IV : EAVEDO :
V : DIAS : DE : NOVẼBRO : MOR
REO : PEDREANES : CHAVEER
O : HOM̃E : BOO : ERICO : EOON
RRADO : EJAZ : AQUI : OSEU :
CORPO : EODE : SAMOLHER :
MARIA : DIGONHO : ANIME :
EORUM : REQUIESCANT : IN
PACE : AMEN :

Na capella de S. João Baptista encontra-se a outra lapide que, como a antecedente se refere ao instituidor:

AQI : JAS : VICENTE : MARTINS
CURVO : HOMEN : BOON : R
ICO : NOSEU : TENPO : OQL :
MOREO : AOS : VIII : DIAS : DA
GOSTO : E : MCCC : LXXX :
VI : ANOS : CUI : ANIMA : RE
QIESCAT : INPACE : AMEN

Esta capella de S. João Baptista tinha dois capellães privativos, para cujo sustento deixou Vicente Martins Curvo aos eremitas de Santo Agostinho a propriedade de duas herdades situadas na proxima freguezia de Santo Aleixo — a Torre-do-Curvo de cá e a Torre-do-Curvo-d'alem.

Entre as varias capellas que a egreja possue, importa mencionar a de Nossa Senhora do Rosario, de marmore azul e branco, com bellas columnas corinthias, e a chamada capella de Luiz Galvão, privativa da antiga familia de que é actual representante o sr. Marquez da Praia e de Monforte. Foi esta capella instituida em 21 de Julho de 1740 por Diogo Galvão Coutinho Freire d'Albergaria, superintendente e coudel-mór da comarca d'Aviz, que está n'ella sepultado e que para aqui trasladou os ossos de seu pae Luiz Galvão Coutinho Freire, capitão de cavallaria na guerra do Restauração, fallecido em 1702, e os de seus avós FranciscoAntonio Coutinho, fallecido em 1570, e Antonio Barreto, fallecido em 1451.

Alem da egreja parochial possue a villa varias outras, das quaes é digna de menção especial a de

Nossa Senhora do Mileu, situada ao norte da povoação, junto á estrada de Estremoz a Portalegre.

Ignora-se por completo a data precisa da sua fundação, mas é de crer fosse pelos meiados do seculo XV, como o indica a mais antiga das suas inscripções.

Na fachada d'esta egreja, a pouco mais d'um metro d'altura do solo, está incrustada uma pequena lapide tumular romana que, a ter sido encontrada, como é provavel, nas proximidanes, faz presumir a existencia de povoação n'este ponto, desde tempos remotissimos. Diz a lapide:

SEX : ÆBVTIV
S : SEX : FPAP : RVF
INVS : AN : XXXXV
HIC : EST : S : T : T : L
F : PATR : I : P : C :

Pertence esta egreja á Misericordia de Veiros, instituição muito antiga, a cujo cargo está a manutenção d'um pequeno hospital. Tem a Misericordia um rendimento annual de 750$000 réis.

*

* *

Estas são as curiosidades mais dignas de consignação.

Pelo que diz respeito á sua historia, já dissemos ter sido Veiros conquistada pelos freires d'Aviz na era de 1217, e a torre da menagem construída e, provavelmente, todo o castello reparado pela mesma Ordem, no anno de 1308. Accrescentaremos algumas noticias historicas, escassas, pois que o papel desempenhado por Veiros na historia geral do nosso paiz foi sempre obscuro e humilde.

Alem do heroismo dos seus habitantes, nas poucas occasiões em que esta povoação foi theatro de luctas guerreiras, um unico facto positivo lhe dá fóros de nobreza historica. Referimo-nos a ter sido Veiros a patria do fundador da Casa de Bragança, D. Affonso, filho bastardo de D. João I.

Os chronistas teem revestido este acontecimento d'um caracter anecdotico, phantasiando pormenores absolutamente gratuitos, para extrahirem do assumpto effeitos sentimentaes. Do n.º 37 da 3.ª serie do *Archivo historico de Portugal*, transcrevemos alguns paragraphos d'um extenso artigo da illustre escriptora D. Angelina Vidal, sobre este objecto:

«O castello de Veiros é notorio por mais de uma razão historica. Não só foi theatro de gloriosos feitos, como tambem de romanescos amores.

«Habitualmente se viam no castello de Veiros alguns freires d'Aviz, e principalmente o seu immortal Mestre D. João . . . Como se á intuição popular fosse concedido o dom da preadivinhação, a gente da localidade tinha pelo futuro monarcha a maior ternura... Entre os mais dedicados ao joven mestre, notava-se um individuo a cujo respeito a historia não dá esclarecimentos tão precisos quanto havia a desejar. Segundo as opiniões mais seguidas, tanto podemos chamar a esse homem Mem da Guarda, como Pero Esteves, como Pero Esteves Marques. . . Como quer que seja, o que não apresenta controversias é ter esse individuo sido pae da mais bella moça de Veiros e arredores, e ser o nome d'esta Ignez Peres . . . o infante não teve forças para resistir-lhe . . . Facil não era, comtudo, a conquista, porque os paes a guardavam como preciosissimo thezouro . . .

«Era confidente dos seus dissabores o velho e dedicado Fernão Martins, aio e amigo leal. D'elle confiou o infante a tristeza que trazia no coração e com elle combinou o plano seguro de raptar a recatada menina. A ausencia de Pero Esteves favoreceu o intento, e alta noite, emquanto Maria Annes ou Mafalda Annes, mãe da gentil mocinha, chorava talvez a partida do esposo, sahia ella da casa honrada dos pobres paes. Enorme desgosto teve Pero Esteves, ao saber

do desdouro em que a filha lhe mergulhára os dias, e tão fundas raízes creou n'elle o descontentamento e a vergonha, que nunca mais fez a barba.

«E d'ahi lhe proveio a alcunha de Barbadão. O pobre homem não se *julgou honrado* com a paixão do Mestre d'Aviz pela filha, e tanto assim foi que chegou a nutrir desejos de assassinal-o. Para o conseguir espionava-lhe os passos, e de uma vez, sabendo que o mancebo ia a Montemór-o-Novo, e devia passar em Aldegallega, esperou-o em local que julgou favoravel ao cruel intento, e disparou-lhe um tiro de bésta que felizmente errou o alvo. O infante não o castigou, antes conseguiu harmonisar-se com o desolado pae. Nunca, porem, foi possivel leval-o a perdoar á filha...

«Pelo que respeita á formosa filha do Barbadão, acabou commendadeira de Santos.»

Oliveira Martins, em *Os filhos de D. João I,* reedita, com pequenas variantes e mais resumidamente, esta mesma narrativa.

O que é fóra de duvida é que o primeiro duque de Bragança, D. Affonso, nasceu de Ignez Pires, no castello d'esta villa, na era de 1377, provavelmente, contando então seu pae, o Mestre d'Aviz, a edade de vinte annos. Perfilhado em 1401, casou n'este mesmo anno com Beatriz Pereira, filha unica do *grande Condestavel,* recebendo por esta occasião o titulo de conde de Barcellos que pertencía ao sogro. Viajou pelas principaes côrtes da Europa, combateu na tomada de Ceuta e tomou parte activa, e por vezes preponderante, em todos os acontecimentos politicos da epocha. No entanto o seu caracter é pouco sympathico: foi elle o promotor da intriga que deu em resultado a morte em Alfarrobeira do illustre infante D. Pedro, seu irmão, a quem devia muitos beneficios e favores; entre elles o da concessão do titulo de duque de Bragança, em 1442. Esta morte valeu-lhe o ficar sendo a primeira personalidade na politica do paiz, de cujo governo foi encarregado durante a permanencia em Africa de seu sobrinho, o rei D. Affonso V. Morreu em 1461, com 84 annos d'edade.

Na terceira guerra de D. Fernando, o Formoso, com D. Henrique, de Castella, em 1381, foi Veiros atacada pelos castelhanos. «N'isto», diz Fernão Lopes, «o mestre de S. Thiago de Castella, que estava por fronteiro em Badajoz, e D. Mem Soares, mestre d'Alcantara, com elle, e muitas gentes em sua companha, entraram por Portugal, e eram por todos muita gente de pé e de cavallo. E chegaram a Elvas uma quinta feira, e puzeram suas tendas nos olivaes, e d'ali partiram em outro dia e foram-se a Veiros, e combateram a dita villa de guiza que puzeram fogo ás portas da barbacan; e dormiram ahi essa noite, da parte alem da ribeira, e partiram ao sabbado pela manhã e foramse por Souzel e pelo Cano: e, correndo por aquella terra, apanharam muito gado que por aquella comarca andava.»

O mesmo chronista refere-se ainda a um certo Gonçalo Gil de Veiros, escudeiro nas tropas de Nuno Alvares Pereira, que n'uma entrada em Castella «tomara um calix de uma egreja, por a qual razão o condestabre o mandou prender, e por inquirição certa, sabida a verdade que fôra assim, porque elle estranhava muito tirar nenhum da egreja, nem tomar d'ella cousa alguma, mandou que o queimassem; e, sendo já a lenha junta e o fôgo aceso, vieram ao condestabre todos os capitães e cavalleiros da hoste pedir-lhe por mercê que o não matasse, e o conde o não queria fazer, e tanto o houveram de o aficar que lh'o entregou contra sua vontade, e degradou-o da sua companhia, e assim escapou.»

São estes os mais notaveis factos relativos a Veiros, succedidos durante a Edade-média.

Quanto aos posteriores, sabemos que na data de 2 de Novembro de 1510 lhe deu D. Manuel o seu primeiro foral, passando desde então Veiros a ser a séde d'um pequeno concelho, com representação em côrtes no 12.º banco. No seu termo entravam as actuaes freguezias de Santo Amaro e S. Pedro d'Almuro. Pela extincção do municipio, em 1855, foi Veiros incluída no concelho de Fronteira: mais modernamente fez parte do concelho de Monforte, d'onde passou ha

poucos annos para o de Estremoz. Da sua antiga autonomia ainda hoje existe o pelourinho, que nada tem de notavel.

Durante a guerra da Restauração foi Veiros por quatro vezes atacada pelos hespanhoes. No anno de 1646 entrou a cavallaria inimiga pelo Alemtejo, e, n'uma *razzia* assoladora, a que os portuguezes se não puderam oppôr por falta de forças sufficientes, devastou toda a região de Monforte, Veiros e Fronteira, talando os campos e roubando os bens aos miseraveis habitantes.

Em 1661, «em uma manhã» diz D. Luiz de Menezes, «intentaram os castelhanos interprender Veiros. Sahiram de Arronches com 4:000 infantes e 500 cavallos, mas, chegando á vista da villa, acharam valorosa resistencia em o seu capitão-mór Domingos Córtes Paim e se retiraram com alguma perda.»

Mas a mais calamitosa das investidas foi a do anno seguinte, quando todo o exercito de D. João d'Austria invadiu pela primeira vez o Alemtejo. Diz o *Portugal Restaurado*: «Continuou D. João d'Austria a marcha; passou a Veiros que se lhe entregou sem resistencia, porque, não sendo sentido das guardas que estavam avançadas, entrou a villa que é logar aberto, rendendo duas companhias de cavallos dos capitães Ruy Pereira da Silva e Pedro Luiz Paim, levando a Ruy Pereira com muitos soldados prisioneiros, e mandou voar o castello e parte do castellejo.»

Calcule-se como ficaria a povoação depois d'este desastre. Embora o conde de Schomberg lhe mandasse reparar as trincheiras em 1663, logo depois da batalha do Ameixial, os habitantes, temendo a renovação das invasões inimigas e não confiando no apoio das suas fracas muralhas, abandonaram quasi em massa a villa, indo acolher-se á protecção das povoações circumvisinhas mais defensaveis. Por isso, quando em 1665 o marquez de Caracena, furioso pela derrota de Montes Claros, invadiu inopinadamente o Alemtejo, poucas casas encontrou em Veiros para incendiar e roubar, e nenhuma guarnição que a defendesse.

A estes acontecimentos se liga uma curiosa tradição que é interessante registar.

Os habitantes de Veiros são de tempos immemoriaes alcunhados de *tronchos*. Ora diz a tradição que a alcunha lhes provém de ter D. João d'Austria feito cortar as orelhas e narizes a todos os desgraçados moradores que tiveram a desdita de lhe cair nas mãos e que, escarmentados, trataram de fugir, sem perda de tempo, d'um logar que, tão mal lhes garantia a integridade da pelle. Imagine-se a figura lamentavel que os infelizes faziam, e o semblante meio compassivo meio trocista com que os visinhos os teriam recebido. D'ahi a origem do piccaresco nome.

Esta é a tradicção; e, embora o *Portugal Restaurado* omitta o facto, não nos repugna acredital-o, por ser tal barbaridade processo corrente nas guerras de então.

Terminada a guerra, os moradores voltaram a suas casas e Veiros foi-se pouco a pouco restabelecendo dos desastres que soffrera, graças á fertilidade dos seus campos, á industria dos habitantes e á instituição do seu celleiro commum (1734), que ainda actualmente existe.

Com as invasões francezas pouco soffreu. Em 1812 teve aqui quartel um corpo de tropas composto dos regimentos d'infanteria portugueza n.^{os} 10 e 4, d'um parque d'artilheria e d'um regimento de *highlanders* escossezes.

*

* *

Alem do primeiro duque de Bragança, foi Veiros patria d'alguns homens illustres, entre os quaes mencionaremos um que, apezar de pouco conhecido, é todavia credor de especial referencia pelo brilhantismo do seu talento tão cedo apagado pela morte. Referimo-nos a Antonio de Sousa Maldonado, moço pertencente a uma das mais antigas e respeitaveis familias de Veiros, e amigo e companheiro inseparavel de João de Deus que lhe dedicou uma das suas encantadoras poesias.

Antonio de Sousa foi poeta, e poeta de verdadeiro merecimento. Manejava o verso com facilidade e inspiração; pena foi que a morte prematura lhe não permitisse desenvolver todas as bellas qualidades reveladas nas composições poeticas que nos deixou.

D'estas, varias sahiram em jornaes da epocha, outras teem sido recentemente divulgadas graças ao zelo do director d'esta folha, (*) parente proximo de Antonio de Sousa; não ha muito tempo o sr. Antonio Sardinha publicou algumas na folha litteraria do *Seculo:* o maior numero, porem — e algumas verdadeiramente admiraveis — encontram-se manuscriptas, dispersas por varias mãos. Muitas conserva-as a sr.ª D. Margarida de Sousa Maldonado, illustre senhora residente em Veiros e irmã mais nova do malogrado poeta. Com estas e as já publicadas, depois de uma cuidadosa escolha e revisão – pois que Antonio de Sousa raro corrigia ou sequer relia os versos concebidos e escriptos quasi sempre n'um rapido e fugaz momento de enthusiasmo — poderia compôr-se um bello livro que sería uma homenagem merecidamente prestada á sua memoria.

Antonio de Sousa Maldonado nasceu em Veiros em 15 de Novembro de 1840; devia ter, portanto, uns dezenove annos quando foi encontrar em Coimbra João de Deus que acabava de concluir o seu curso de direito, o qual começado em 1849 só veio a ter fim, como é sabido, em 1859 — dez annos, *tantos quantos durou o cerco de Troia.* De 1859 a 1862 ficou-se João de Deus por Coimbra, versejando e tocando viola, como um guerreiro que descança das fadigas d'um combate, no dizer humoristico d'um seu biographo. Foi n'esta epocha que Antonio de Sousa, apezar de mais novo uns dez annos, se ligou ao grande poeta, tornando-se em breve o seu socio inseparavel nas guitarradas e aventuras.

Quando João de Deus sahiu de Coimbra para não mais voltar, lá levava por companheiro a Antonio de Sousa que tambem para sempre disse adeus ao estudo. A pé, quasi sem dinheiro, mas providos de duas botijas de genebra, sahiram os dois amigos em direc-

---

(*) O *Correio Elvense.*

ção ao Alemtejo. Apoz longa peregrinação, famintos, rotos, cobertos de pó, emfim no estado mais lamentavel, vieram os dois bohemios parar a uma herdade pertencente á mãe de Antonio de Sousa, D. Apolonia Augusta Matinca, já então viuva. D'ali escreveu Antonio de Sousa um bilhete pedindo á mãe fato, dinheiro, o indispensavel para poder apparecer. Imagine-se o alvoroço da pobre senhora que de mais a mais havia já muitos mezes não via o filho estremecido. N'estas condições, facil é calcular, não se limitou a enviar-lhe o pedido, mas foi em pessoa levar-lh'o. Conta a sr.ª D. Margarida Maldonado, ao tempo ainda de pouca edade, que, entrando no *monte* adeante de sua mãe, foi encontrar os dois de tal forma irreconheciveis, com as barbas crescidas e cobertos de andrajos, que, no facil pavor dos seus poucos annos, se assustou e recuou aos gritos. No mesmo instante ia entrando a mãe. Supponha-se a atrapalhação dos dois . . . *Oh com os demonios*, diz João de Deus para o companheiro, *se soubesse que vinha ahi tua mãe, tinha-me mettido pelo chão abaixo.*

A mais das suas poesias escreveu tambem Antonio de Sousa um entreacto, prosa e verso, intitulado *Amores de Bernardim Ribeiro.* Dil-o Victorino d'Almada na biographia que do poeta faz no seu diccionario, accrescentando que esta pequena peça recebeu muitos applausos em Elvas, onde foi feita e representada.

A proposito da estada de Antonio de Sousa n'esta cidade, conta a mesma biographia algumas particularidades que não podemos deixar de transcrever. «Passava uma grande parte do tempo, diz Victorino d'Almada, nos cafés, rodeado d'amigos e admiradores, que festejavam o seu talento, evidenciado nos versos que formavam a sua bagagem de trovador, e nas décimas que improvisava quando lh'as pediam, porque tinha de mais o dote de repentista. Uma vez á hora do café, que tomava sempre no Circulo Elvense, acompanhado d'esses amigos e admiradores, disse algumas das suas mimosas composições entre bravos enthusiasticos. Por ultimo, quando parece que o *cognac* já devia ter-lhe embotado as faculdades, começou a pedir motes e a improvisar décimas sobre elles. Uma das que teve então melhor acolhimento, sendo por muito tempo ci-

tada quando se exaltava o seu talento, foi improvisada n'essa tarde, dando-se-lhe um mote referente a coisas de caça. Na glosa metteu Antonio Maldonado os nomes d'alguns dos utensilios do caçador e peças de caça, tratando com tal arte o assumpto, que os caçadores que estavam presentes o applaudiram com bravos prolongados »

Tal foi esse homem que, se a morte tão cedo o não levasse, teria certamente chegado pelo seu talento a adquirir um nome bem conhecido.

Segundo o termo do seu obito, Antonio de Sousa Maldonado falleceu no caminho de ferro de léste, vindo em jornada para a sua terra natal, no dia 8 de Dezembro de 1865.

Tinha, portanto, quando morreu, vinte e seis annos incompletos o mallogrado moço.

Com esta noticia fechâmos estes breves apontamentos que não teem a pretensão de estudo completo; nem me seria possivel fazel-o, attenta a escassez dos elementos de que disponho.

Veiros, 11 de Julho de 1907.

Obras de A. Thomaz Pires

Cancioneiro popular politico. — 1.ª edição. Elvas — 1891. — ESGOTADO.

Setecentas comparações populares alemtejanas. — Recolhidas da tradição oral. Espozende, 1892.

Calendario rural. — Dictados relativos aos mezes comparados com os dictados similares de varios paizes romanicos. Elvas, 1893.

Notas historico-militares. — (Da «Guerra velha» até á Invasão franceza) — Extractos de varias cartas coévas. Elvas, 1898.

Materiaes para a historia da vida urbana portugueza. — A mobilia, o vestuario e a sumptuosidade nos seculos XVI a XVIII. Lisboa, 1899. (Separata) ESGOTADO.

Catalogo do Museu Archeologico da Camara Municipal d'Elvas. — Lisboa, 1901. (Separata) ESGOTADO.

Cantos populares portuguezes. — Recolhidos da tradição oral e coordenados. Elvas — 1.º volume, 1902; 2.º volume, 1905, 3.º e 4.º volumes no prelo.

Estudos e Notas elvenses. — I *O S. João d'Elvas.* II *A entrega da praça d'Elvas a Philippe II de Castella em 1580.* III *A egreja do Senhor Jesus da Piedade.* IV *O casamento de Luiz José de Vasconcellos e Azevedo.* V *Amuletos alemtejanos.* VI *A noite de Natal, o Anno Bom e os Santos Reis.* VII *Vasco de Lobeira.* VIII *Garcia da Orta. Elvas, 1904-1905.* — **Em publicação:** IX *Os antigos Gamas d'Elvas.* X *O Corcovado.*

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao editor

Antonio José Torres de Carvalho — ELVAS